

CECÍLIA MEIRELES E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Irina Deffente Migliari¹

Lucas Romaryo Nascimento Barbosa²

INTRODUÇÃO

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 1901, no Rio de Janeiro. Foi, além de poeta, professora, jornalista, ensaísta e tradutora. Publica sua primeira obra, *Espectros* (1919), aos dezoito anos, foi a primeira voz feminina na Literatura Brasileira e vencedora do Prêmio de Poesia Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras pelo seu livro *Viagem* (1939). Publica mais de 40 obras, dentre livros infantis, de poesia, crônicas e contos. Além disso, há uma grande coletânea de textos publicados em jornais e revistas dos mais variados temas.

A escritora funda, também, a primeira biblioteca infantil no Brasil: em 1934 fora nomeada pela Secretaria da Educação do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, a dirigir um Centro Infantil. No mesmo ano, nasce, no Pavilhão Mourisco (no bairro do Botafogo), a primeira biblioteca infantil do país. Embora tenha mantido suas portas abertas apenas por quatro anos, a biblioteca oferecia, além de livros infantis, atividades voltadas para a música, cinema e jogos.

Além da carreira de poeta, carreira pela qual é amplamente conhecida, e das supracitadas, Cecília tem um papel relevante na jornada da Educação no Brasil. Em 1935, é convidada a lecionar Literatura Luso-brasileira e Técnica e Crítica Literária na Universidade do Distrito Federal, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde permaneceu por três anos. Desempenha, também, ao longo de sua vida, funções de professora e diretora de escolas públicas, foi autora de livros escolares, estudou o folclore sob uma perspectiva educativa, além de ter um papel fundamental na divulgação e diálogos relativos à escola, à educação na imprensa brasileira, no rádio, como também de relatar problemas relacionados à literatura para crianças no quesito da formação de leitores.

A poeta escreve e dirige a “Página de Educação” publicada no jornal *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, nos anos 1930 a 1933, promovendo, então, debates

¹ Aluna do 8º semestre do curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

² Aluno do 6º semestre do curso de Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

públicos sobre a educação, em especial a educação infantil, a relação família-escola e o papel do educador. A despeito do último, diz que “aquelle (sic) que está constantemente evoluindo, experimentando em si e em torno de si, todas as modificações que possam constituir um progresso, e que o faz, principalmente, com o fim de medir o valor de cada problema da humanidade, e conhecer o ambiente e o significado da sua tarefa pedagógica.” (MEIRELES apud NEVES, LÔBO e MIGNOT, 2001, p. 69-70).

Participou do grupo que, desde 1920, lutava por uma renovação do ensino no Brasil. Enfim, assina, em 1932, o *Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação*, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por outros intelectuais da época, que apresentava as principais formulações do movimento educacional, denominado “Escola Nova”, dentre as quais se destacam a formação de personalidade do educando; o aproveitamento das vivências cotidianas dos alunos em parceria com as disciplinas escolares; e o redirecionamento da mentalidade dos educadores, envolvendo concepções morais em sintonia com os avanços da modernidade.

Toda filosofia da educação pressupõe, além de um conjunto de valores e de uma teoria de instrução, uma imagem particular da criança, que domina todos os seus componentes. E, em Cecília, tudo isto tem a ver com a “sensibilidade da imaginação”, isto é, o dom de escolher, julgar, comparar, rápida e espontaneidade. É dessa sensibilidade, que se pode chamar de “gosto” – princípio de escolha, de classificação, de capacidade de distinção – que se extrai o poder de evitar o mal e de procurar o bem em matéria de educação. Quando se tem que educar, é preciso sentir a alma da criança. [...] Cecília avaliou com justeza os valores morais, intelectuais e técnicos [...] *da arte da educação*. (LÔBO apud NEVES, LÔBO e MIGNOT, 2001, p. 77, grifo nosso).

A partir desse breve relato bibliográfico de Cecília Meireles, desenvolver-se-á, no presente artigo, uma discussão sobre as contribuições da escritora para a educação. Serão utilizadas obras da fortuna crítica da poeta, por exemplo, de escritores como Leila Vilas Boas Gouvêa (2007), Valéria Lamego (1996) e Margarida de Souza Neves, Yolanda Lima Lôbo e Ana Chrystina Venancio Mignot (2001) que dialogam sobre a vida de Cecília no tocando à sua contribuição para a educação e desenvolvimento do país. Além disso, obras da própria poeta como *Crônicas da Educação* (2001), *Olhinhos de*

gato (2015) e *O que se diz e o que se entende* (2016) fazem parte do estudo que compõe o *corpus* desse trabalho.

A POETA EDUCADORA

Cecília Meireles, insatisfeita frente aos limites interpostos no trabalho escolar no país e como responsável pela “Página de Educação” do jornal *Diário de Notícias*, passa a publicar crônicas na coluna “Comentários”, espaço em que expressa sua opinião no tocando aos assuntos de temática educacional. O jornal passa a articular, então, com o sistema escolar que se constituía – a intenção da poeta era atingir com maior eficácia a população para além do público alcançado em sala de aula, como professora.

A poeta, convicta do papel e do poder da imprensa na formação de opinião da população, demonstra preocupação com os próprios jornalistas, cuja consciência sobre a relevância que a profissão tem em termos de função social, é ausente. A respeito disso, Cecília escreve: “na vida moderna, o jornal tende, cada vez mais, a ser, para o povo, a forma rápida e imediata de cultura e, como tal, a determinar-lhe uma orientação e modelar-lhe um caráter.” (MEIRELES, 1930, s/p). A coluna na “Página de Educação” se torna, então, um canal para a divulgação de novas ideias pedagógicas.

O entendimento da poeta sobre a realidade educacional, o qual se deve ao envolvimento com o movimento da “Escola Nova”, tinha como ponto fundamental a valorização do educando no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os intelectuais do movimento pensavam a infância como um momento da vida em que as crianças, com suas particularidades e potenciais, deviam ser estimadas.

Ademais, a escola, para Cecília, não poderia ser considerada preparada para acolher as novas ideias e capaz de assumir as práticas educacionais acompanhadas dessas transformações que estavam sendo propostas; os próprios professores enfrentavam dificuldades no ambiente escolar, visto que os que apoiavam a mudança eram a minoria. A poeta demonstra sua preocupação, mais uma vez, na coluna “Comentários”, em 1931:

Geralmente composto de elementos heterogêneos, com pequenas visões individuais, (...) muitas vezes intolerantes dentro de meia dúzia de coisas que aprenderam da Escola Nova, e tendendo vertiginosamente para uma rotina talvez ainda pior que

a da Escola Velha. (MEIRELES apud NEVES; LÔBO; MIGNOT, 2001, p. 137).

No entanto, o problema, não se limitava apenas aos professores: a poeta relata a dificuldade de relação que os docentes tinham com os diretores de escola, que criavam obstáculos para a execução do trabalho, ao invés de exercer um papel de autoridade competente e estimulante. Auxiliares de escolas, por sua vez, também prejudicavam o trabalho dos professores, posto que não possuíam conhecimentos pedagógicos e educativos.

A função de educar não se limitava, para Cecília, ao ambiente escolar. A relação família-escola cumpria um papel fundamental no desenvolvimento do educando; na visão da poeta, a maioria dos pais atrapalhavam o trabalho do professor, contribuindo para o “desandamento” daquilo que se investia dentro da escola. A razão pela qual isto acontecia, segundo a poeta, era a crença dos pais em antigos preconceitos e o distanciamento das novas ideias pedagógicas que vinham sendo propostas.

Ainda a respeito da relação família-escola, Cecília se queixava da aquisição exagerada de bens materiais que os pais (os mais afortunados) compartilhavam com seus filhos, pois essa atitude “[...] *acarretava* a anulação da personalidade infantil, verdadeiramente sufocada pelo excesso de motivos que a ambientam, tolhendo-lhe a liberdade criadora.” (MEIRELES apud NEVES; LÔBO; MIGNOT, 2001, p. 138, grifo nosso). Em contrapartida, as famílias menos afortunadas contavam com uma ausência de cultura de higiene, que prejudicava o desenvolvimento e formação de seus filhos.

Para Cecília, é necessário conhecer e entender o mundo da criança para exercer a prática pedagógica com eficácia; uma vez que as crianças vivem em um mundo completamente diferente do mundo dos adultos, têm formas e pensar, agir e sentir particulares. Cabe ao adulto, ao docente e aos pais, determinar as relações com o mundo infantil de maneira a criar vínculos que contribuam para o desenvolvimento da criança. O professor, em especial, tem é responsável por garantir a proteção da relação família-escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linha de pensamento de Cecília Meireles, bem como as propostas da “Escola Nova” se aplicam até os dias de hoje. Embora a militância da poeta por uma educação mais decente e uma prática pedagógica mais eficaz tenha acontecido nos anos 1930, a situação não é muito distante do que acontece hoje.

Ainda há muito o que evoluir na relação família-escola e os problemas enfrentados pelos professores no ambiente escolar parecem ter aumentado. A quantidade de bens de consumo cresce a cada dia, novas tecnologias são desenvolvidas em alta velocidade, o que faz com que crianças e jovens possuam mais objetos de distração e, além disso, contribuem para uma formação em que se valoriza produto e não o conhecimento.

A mídia, por sua vez, também exerce uma função importante nas relações educando-família-escola: notícias e textos como as crônicas de Cecília Meireles, publicadas na “Página de Educação”, no jornal *Diários de Notícias*, são acessadas de imediato nas redes sociais e têm força manipulativa, fazendo com que o trabalho do docente tenha obstáculos ao exercer sua função de educador, uma vez que notícias e textos contrários às políticas sociais e educativas são disseminados nas redes, atingindo os mais vulneráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOUVÊA, Leila Vilas Boas (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007.

LAMEGO, Valéria. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 1996.

MEIRELES, Cecília. Comentários. In: *Página de Educação, Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, ago., 1930.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas da Educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 4 v.

MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de gato*. São Paulo: Global, 2015.

MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. São Paulo: Global, 2016.

NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Cecília Meireles: A Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Edições Loyola, 2001.